



Carta do Ministro Geral

John Corriveau OFM Cap

A FRATERNIDADE EVANGÉLICA NUM MUNDO

CARTA CIRCULAR 20

31 de março de 2002

© Copyright by:
Curia Generale dei Frati Minori Cappuccini
Via Piemonte, 70
00187 Roma
ITALIA

tel. +39 06 420 11 710
fax. +39 06 48 28 267
www.ofmcap.org

Ufficio delle Comunicazioni OFMCap
info@ofmcap.org
Roma, A.D. 2016

Sommario

INTRODUÇÃO.....	6
A FRATERNIDADE EVANGÉLICA À LUZ DA <i>NOVO MILLENNIO INEUNTE</i>	8
A FRATERNIDADE EVANGÉLICA NUM MONDO EM MUDANÇA.....	11
A FRATERNIDADE NUM MUNDO MULTIÉTNICO	12
A FRATERNIDADE EVANGÉLICA NA ECONOMIA GLOBAL.....	14
A FRATERNIDADE EVANGÉLICA NUM AMBIENTE SOCIAL DE AUTO- REALIZAÇÃO	17
ANIMAÇÃO ESTRUTURAS E INICIATIVAS.....	19
CONSTITUIÇÕES	21
CONSELHO PLENÁRIO	22
OUTRAS INICIATIVAS.....	23
CONCLUSÃO.....	25

CARTA CIRCULAR 20
A FRATERNIDADE EVANGÉLICA NUM MUNDO
EM MUDANÇA IDENTIDADE, MISSÃO, ANIMAÇÃO

“Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão” (NMI, 43)

Prot. 00158/02

A TODOS OS FRADES DA ORDEM

Caríssimos Irmãos, o Senhor lhes dê a paz!

A vida fraterna evangélica, conteúdo da Carta circular 11 (2 de fevereiro de 1997 - Prot. 00085/97), foi o tema da animação do sexênio passado. A presente Carta circular quer apresentar três temas: a) a identidade e a estrutura fraterna da Ordem, que recebeu vasto consenso no Capítulo geral 2000; b) a Carta apostólica de João Paulo II *Novo Millennio Ineunte* que nos oferece a oportunidade para uma compreensão posterior da nossa identidade fundamental; c) o explícito desejo do último Capítulo geral de definir a nossa vida fraterna franciscana como resposta evangélica e fermento de evangelização num mundo em mudança.

Estes três elementos e a apresentação de algumas iniciativas de animação formam o conteúdo da presente Carta circular.

INTRODUÇÃO

1.1. Antes do Concílio Vaticano II freqüentemente se falava da Igreja como **“sociedade perfeita, que dirige as almas a Deus”** (cf. por exemplo, a Encíclica de Pio XI, *Mortalium Animos*, de 6 de janeiro de 1928: “Cristo nosso Senhor instituiu a sua Igreja como sociedade perfeita... que deve levar adiant... a obra da salvação do gênero humano”). No quadro desta visão teológica, a Ordem capuchinha era considerada como um instituto clerical dedicado à salvação das almas, porque era particularmente mediante os múltiplos ministérios clericais que a Ordem efetuava o mandato da Igreja.

A teologia do Vaticano II e o magistério de Paulo VI determinaram uma nova eclesiologia. A Igreja agora se concebe como **mistério de comunhão**: “a Igreja universal se apresenta como ‘um povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo’ (LG 4).

Esta mudança de perspectiva encontrou ulterior desenvolvimento e aprofundamento nos escritos do papa João Paulo II, especialmente na *Novo Millennio Ineunte* e nos recentes documentos sinodais.

1.2. A nova eclesiologia teve notável incidência na reflexão sobre vida religiosa. O documento da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica CIVCSVA, *La Vita Fraterna in Comunità*. “Congregavit nos in anum Christi amor” (2 de fevereiro de 1994), afirma: “Foi o desenvolvimento da eclesiologia que incidiu mais que outro fator na evolução da compreensão da comunidade religiosa. O Vaticano II afirmou que a vida religiosa pertence “firmemente” à vida e à santidade da Igreja e a colocou exatamente no coração do seu mistério de comunhão e de santidade” (2).

A Exortação apostólica *Vita Consecrata* de 1996 acrescenta: “A vida fraterna pretende espelhar a profundidade e a riqueza de tal mistério (da Igreja-Comunhão) configurando-se como espaço humano habitado pela Trindade, que estende assim na história os dons da comunhão próprios das três Pessoas divinas” (41).

1.3. A reflexão sobre as fontes franciscanas e capuchinhas do ponto de vista desta nova perspectiva fez emergir uma visão profundamente renovada da

missão da Ordem no mundo. A fraternidade evangélica é realmente a encarnação franciscana da comunhão.

1.4. Portanto, o papel principal da Ordem não é o de desenvolver vários compromissos ministeriais, mas conforme descrevem nossas Constituições:

São Francisco, depois que ouviu as palavras da missão dos apóstolos, deu início à fraternidade da Ordem dos Menores, para dar testemunho do Reino de Deus pela comunhão de vida, pregando a penitência e a paz, pelo exemplo e pela palavra (Const 3,1).

A FRATERNIDADE EVANGÉLICA À LUZ DA *NOVO MILLENNIO INEUNTE*

2.1. O papa João Paulo II nos deu imagens maravilhosas para qualificar ulteriormente a fraternidade. Na sua Carta de 18 de setembro de 1996, enviada à nossa Ordem, descreve a nossa fraternidade como “um ponto de referência cordial e acessível aos pobres e àqueles que estão na busca sincera de Deus”. Na *Novo Millennio Ineunte* o papa afirma:

Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão. Eis o grande desafio que nos espera no milênio que começa, se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo (43).

Com estas palavras ele nos apresenta uma outra imagem sobre como modelar as fraternidades: *a casa e a escola da comunhão.*

Seu rosto brilhou como o sol (Mt 17,2)

2.2. As nossas fraternidades serão verdadeiramente *a casa e a escola da comunhão*, “sinal eloqüente da comunhão eclesial” (VC, 42), se nos tornarmos autênticas “escolas” de santidade. A reestruturação das Províncias e o reforço das fraternidades locais, tanto do ponto de vista numérico quando das relações fraternas, não é suficiente. Somente a santidade de Deus pode purificar as nossas relações e fazer de modo que as fraternidades possam “refletir a luz de Cristo... (e) resplandecer o seu rosto” (NMI, 16).

O fogo é o símbolo da santidade de Deus. Quando Moisés se aproximou da sarça ardente Deus lhe disse: *Não te aproximes daqui! Tira as sandálias dos pés, porque o lugar onde estás é uma terra santa. (Ex 3,5).* O fogo é símbolo do amor purificador de Deus: uma brasa tirada do altar de Deus purifica os lábios do profeta Isaías (cf. Is 6). O fogo da palavra de Deus purifica a nação de Israel: *O profeta Elias surgiu como o fogo, e sua palavra queimava como tocha (Eclo 48,1).* São Boaventura, usando a imagem do fogo, descreve a santidade de Francisco e o impacto que ele teve sobre o mundo, assemelhando-o ao profeta Elias:

Assim como o arco-íres refulge entre as nuvens luminosas, mensageiro da verdadeira paz, portador do sinal de nossa aliança com o Senhor, anunciou aos homens a paz e a salvação... foi plenificado também do espírito profético... no espírito e no poder de Elias... ele atingiu ao cume da santidade mais excelsa... tornando-se exemplo de perfeição aos seguidores de Cristo (Legenda Maior, Prólogo, 1).

Como a sarça ardente atraiu Moisés, assim as nossas fraternidades devem chamar a gente à comunhão. Isto não é possível, se primeiramente nós não “contemplamos o seu rosto” (NMI, 16). *Vita Consecrata* afirma: “Chamados a contemplar e a testemunhar o rosto «transfigurado» de Cristo, os consagrados são chamados também a uma existência “transfigurada” (35).

Este é o meu Filho amado, escutai-o! (Mt 17,5)

2.3. Ao comentar as aparições de Jesus aos seus discípulos após a ressurreição, o papa João Paulo II afirma: “Por mais que se olhasse e tocasse o seu corpo só a fé podia penetrar plenamente no mistério daquele rosto ” (NMI, 19). E, conseqüentemente conclui que “a Jesus só se chega verdadeiramente pelo caminho da fé” (NMI, 19). Uma Ordem que compreende a si mesma como uma *fraternidade de testemunho evangélico*, deve ser radicada numa fé muito concreta na pessoa e no mistério de Cristo.

Espiritualidade da comunhão (“fraternidade”) significa em primeiro lugar ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor (NMI, 43).

No seu *Testamento*, Francisco contempla com emoção e comoção interior o rosto de Cristo. Esta contemplação começou aos pés do leproso e do Crucifixo de São Damião e foi estigmatizado na experiência do Monte Alverne. Considerando as palavras do papa: “*não se encontra verdadeiramente a Jesus senão pelo caminho da fé*” aparece claro no *Testamento* que a contemplação de Francisco foi a conseqüência de um resolutivo **ato de fé** que o abriu a receber os dons de Deus: *O Senhor me concedeu... O Senhor mesmo me conduziu entre eles... e o Senhor me deu tanta fé nas igrejas... Nada enxergo corporalmente neste mundo senão o seu santíssimo corpo e sangue..... E depois que o Senhor me deu irmãos... Se queremos*

transformar as nossas fraternidades numa **escola da comunhão** serão necessárias a determinação e a concretização da fé de Francisco.

Senhor, é bom ficarmos aqui (Mt 17,4)

2.4. A fé é um dom de Deus: *à plena contemplação do rosto do Senhor, não chegamos pelas nossas simples forças, mas deixando a graça conduzir-nos pela sua mão (NMI, 20)*. As duas Cartas circulares mais recentes tratam longamente sobre a oração dos frades. “A oração mental é a *mestra espiritual dos frades (Const 52,6)* e foi sempre uma dimensão essencial da nossa fidelidade à nossa vocação e ao nosso serviço ao povo de Deus” (*Carta circular 18, 4.2*). Se realmente estivermos convencidos de que o nosso mundo pode experimentar a comunhão somente por meio do poder de *Deus (que)... vivifica os mortos e chama à existência o que antes não existia (Rom 4,17)*, então descobriremos verdadeiramente a importância da oração em nossas fraternidades. Esta oração qualifica o trabalho que nós desenvolvemos no mundo, tornando-o uma expressão típica da nossa fé (cf. *Carta circular 19, 6.1*). Estes pontos são assim sintetizados pelo papa João Paulo II:

Aprender esta lógica trinitária da oração cristã, vivendo-a plenamente sobretudo na liturgia, meta e fonte da vida eclesial, mas também na experiência pessoal, é o segredo de um cristianismo verdadeiramente vital (NMI, 32).

A vocação à santidade só pode ser acolhida e cultivada no silêncio da adoração na presença da transcendência infinita de Deus (VC, 38).

Quanto ao primado da nossa vocação à santidade, queremos reconhecer o valor positivo e a missão louvável daqueles frades que “*mesmo quando por motivos de enfermidade ou de saúde tiveram que abandonar a sua atividade específica*” (*VC, 44*), mas continuam a viver a sua vocação na oração e na paciente aceitação da vontade de Deus, contribuindo deste modo ao crescimento do Reino de Deus.

Estas palavras de Paulo VI contêm grande sabedoria para todos nós:

A fidelidade à oração ou o seu abandono são o paradigma da vitalidade ou da decadência da vida religiosa (ET, 42)

A FRATERNIDADE EVANGÉLICA NUM MONDO EM MUDANÇA

3. “A vida e a regra dos frades menores é esta: observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus” (*Rb* 1,1). Como testemunhas do evangelho, as nossas fraternidades são chamadas a ser lugares de paz e de justiça e a levar o alegre anúncio aos pobres (*Const* 144,1). Somos obedientes ao Espírito do Senhor quando anunciamos a todos os homens “o Evangelho com palavras e obras” (*Const* 144,4).

Enquanto somos convidados urgentemente a dar a nossa efetiva contribuição à Nova Evangelização, é útil recordar as palavras de *Vita Consecrata*:

A contribuição específica dos consagrados e consagradas para a evangelização consiste, primariamente, no testemunho de uma vida totalmente entregue a Deus e aos irmãos, à imitação do Salvador que se fez servo, por amor do homem. Na obra da salvação, de fato, tudo provém da participação na ‘ágape’ divina (76).

Esta nossa missão profética se dirige a um mundo multiétnico, condicionado pela economia global, dominado pela sede de poder e de auto-realização.

A FRATERNIDADE NUM MUNDO MULTIÉTNICO

4.1. A identidade étnica é uma das forças primárias que influíram sobre o mundo moderno e continuam a formá-lo. A vontade de impor a identidade étnica foi um dos maiores fatores que deram origem às guerras do séc. XX, as quais determinaram a organização da Europa moderna. O rosto étnico da Europa e da América é constantemente remodelado por milhões de novos imigrantes. A identificação com o próprio grupo étnico, como extensão das relações familiares, é fonte de segurança para as pessoas, mas infelizmente é também causa de contrastes e divisões. Grande parte da paixão que impulsiona os fundamentalismos tem suas raízes na luta pela identidade étnica. Todavia, tanto positiva quanto negativamente, a identidade étnica desencadeia energias enormes em nosso mundo.

4.2. A Fraternidade capuchinha está presente atualmente em 95 nações e abraça numerosas comunidades étnicas. Este contexto é um desafio para nós e nos impulsiona a tornar efetivamente as nossas fraternidades *a casa e a escola da comunhão* (NMI, 43; cf. VC, 51).

A sociologia e a política isoladas não conseguirão jamais transformar as relações étnicas em autênticas fontes de integração e solidariedade. A comunhão verdadeira é dom de Deus e provém da força libertadora do Evangelho de Cristo, o qual *“a quantos ... o acolheram, **deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, são os que crêem no seu nome. Estes foram gerados não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus**”* (Jo 1,12-13).

Somente com este fundamento é possível dar vida a autênticas fraternidades, capazes de testemunhar que a água do batismo é mais forte do que o sangue! O batismo e a sua especial atuação na profissão da nossa específica forma de vida evangélica, fundam os vínculos da fraternidade franciscana e desenvolvem uma solidariedade, uma unidade e mútua dependência que são mais fortes e eficazes do que qualquer vínculo étnico. **A água é mais forte do que o sangue!** Isto requer uma profunda conversão. A conversão que brota do batismo e da profissão, a conversão à fraternidade franciscana deve ser expressa na contínua decisão em agir de modo diferente, em dar expressão concreta à visão da Regra:

Se uma mãe ama e nutre seu filho carnal, com quanto maior diligência não deve cada um amar e nutrir a seu irmão espiritual? (Rb 6,8).

A FRATERNIDADE EVANGÉLICA NA ECONOMIA GLOBAL

5.1. A nova economia originada na alta tecnologia continua transformando as relações entre os povos e as nações. O VI CPO - *Viver a pobreza em fraternidade* – nos impulsiona a fazer das nossas fraternidades *a casa e a escola da comunhão* no âmbito desta nova força que está dando forma ao nosso mundo.

As intuições centrais do VI CPO são estas: **as relações com os povos da terra transformadas pelo Evangelho são objetivo central da pobreza evangélica – as relações com os bens da terra transformadas pelo Evangelho constituem simplesmente o meio para um tal fim.** Esta é a conclusão da *Propositio 6*, fundamento do VI CPO:

Para Francisco a avidez e a avareza rompem as relações com Deus enquanto a ambição e a concorrência prejudicam o sentido de fraternidade entre as pessoas. Para conseguir viver plenamente o ideal evangélico de amor e de fraternidade ele adotou uma forma de vida, com seus primeiros companheiros, que implicava corajosas decisões de pobreza.

O tempo e as condições econômicas do mundo atual são notavelmente diferentes daquelas que levaram Francisco a fazer tais opções econômicas; todavia **“estamos ainda ligados à fidelidade em confronto com as intenções profundas de Francisco”**, (*Propositio 6*), ou seja, **“viver como frades menores”** e, conseqüentemente, de separar-nos do mundo da avidez, da avareza e da competição que destroem a comunhão na terra. Isto exige novas opções econômicas igualmente corajosas, como: *austeridade de vida e dedicação no trabalho; solidariedade e mútua dependência; vida fundada na experiência do povo, especialmente dos pobres; justo uso e administração dos bens e das propriedades; compromisso a favor do desenvolvimento ‘sustentável’* ” (*Propositio 6*).

5.2. Se vividas com plena consciência e coragem, estas fraternas opções econômicas criarão uma nova **economia fraterna**, a qual difere radicalmente da **economia global** dos nossos dias. O objetivo central da *economia global* é aumentar a riqueza; o da *economia fraterna*, a comunhão entre as pessoas. Os meios que a *economia global* usa para atingir seu objetivo inclui a competição sem piedade e a concentração da riqueza e do poder nas mãos de poucos com o

domínio e controle do mundo financeiro, da produção e do comércio. Os meios para atingir o objetivo e o fim da *economia fraterna* são a solidariedade e a mútua dependência, a participação e a proteção dos mais fracos. Os princípios da *economia fraterna* mudarão profundamente a nossa atitude para com os bens da terra, com o trabalho, com os pobres como também quanto à administração. Isto, por sua vez, transformará as nossas relações entre nós mesmos e com os povos da terra. A *economia fraterna* não ocupará jamais o lugar da *economia global* nem a eliminará, mas fará da nossa Ordem *a casa e a escola da comunhão* neste mundo da nova economia emergente.

5.3. Os efeitos VI CPO estão lentamente incidindo na Ordem. O sinal mais evidente se constitui pelo crescente sentido de solidariedade econômica entre as circunscrições da Ordem. Muitas conferências e circunscrições organizaram encontros e jornadas de reflexão sobre a visão espiritual e sobre aplicações práticas do VI CPO. Todavia o surgimento de uma *economia fraterna* requer ainda mais:

- Devemos examinar com atenção a estrutura dos nossos compromissos, de maneira a garantir que o exercício das diferentes responsabilidades não seja em detrimento da equidade que deve existir entre todos os frades e não favoreça privilégios nas fraternidades quanto ao uso pessoal de carros, férias, viagens, etc.
- As Províncias devem agir numa efetiva solidariedade entre as fraternidades locais. Devem promover uma administração fraterna tal que os membros da fraternidade local conheçam as decisões econômicas e participem das mesmas na própria fraternidade.
- Também se requer transparência na administração da circunscrição como tal e uma adequada participação nos assuntos financeiros mais importantes. As estruturas de responsabilidade devem ser claras e transparentes.
- As exigências de uma economia fraterna não se restringem às relações fraternas dentro da Ordem e das circunscrições; refletem-se também fora das nossas fraternidades. Por isso o raio de ação social de nossa Ordem precisa ser esclarecido. Os trabalhos sociais têm como objetivo o melhoramento da vida de cada pessoa e das famílias necessitadas. As obras sociais devem também construir solidariedade e comunhão entre a gente que por elas são ajudadas. Quando o poder de decisão está na mão de somente um frade, as obras sociais muitas vezes criam divisões exatamente entre as pessoas cujo auxílio as mesmas obras são destinadas. O demasiado compromisso social do frade pode facilmente levá-lo ao simples exercício de poder. A ilimitada

atuação do poder, mesmo quando é exercido por um fim nobre, inevitavelmente corrompe. O VI CPO deve transformar os nossos compromissos sociais.

A FRATERNIDADE EVANGÉLICA NUM AMBIENTE SOCIAL DE AUTO-REALIZAÇÃO

6.1. O princípio de autodeterminação, nascido das revoluções francesa e americana, continua a liberar enormes energias em nosso mundo. Foi o princípio-guia dos movimentos de independência nacional após a Segunda Guerra mundial em todo o mundo. A autodeterminação é estreitamente coligada com a luta pela identidade étnica. O direito à auto-realização deu origem às revoluções sociais que se identificam com o ano de 1968 e incluem os movimentos de liberação feminista e homossexual e outros numerosos movimentos de direitos humanos. A auto-realização continua a dar forma ao nosso mundo e às nossas fraternidades tanto no sentido positivo quanto negativo.

6.2. O mistério da Encarnação e o da Cruz foram centrais na visão de fé de São Francisco. No mistério da Encarnação Francisco contemplava a humildade de Deus Pai. Na Cruz, Jesus abraçou o mesmo mistério de amor humilde e que se doa. Desejando que a sua vida e a dos seus frades manifeste este amor que se doa ao mundo, Francisco escolhe a estrada da humildade e da minoridade: *“Quero que esta fraternidade seja chamada Ordem dos **Frades Menores**”* (1Cel 15,38).

6.3. A minoridade oferece à nossa Ordem a possibilidade de criar **uma casa e uma escola de comunhão** no campo das energias da auto-realização e da busca de poder. A minoridade atinge muitas questões importantes na Ordem:

- Que incidência tem a minoridade sobre a identidade da fraternidade? A minoridade dá uma dimensão especificamente franciscana ao ministério ordenado?
- Como fraternidade devemos examinar as nossas relações com a autoridade da Igreja tanto local quanto universal. Como a Ordem vive estas relações em palavras e ações?
- Era vontade de Francisco que a minoridade fosse o princípio característico da fraternidade franciscana como tal. Iniciando o novo milênio, devemos examinar criticamente o desenvolvimento das nossas fraternidades no século passado. A Ordem passou a aceitar compromissos institucionais na Igreja (vicariados, paróquias, etc) e na sociedade (escolas, obras sociais). Estes avanços trouxeram não poucas bênçãos à nossa Ordem e à Igreja onde

estamos comprometidos a servir. Todavia, o fato levanta também importantes questionamentos quanto ao valor da minoridade. Não devemos nos perguntar quantos compromissos institucionais na Igreja e na sociedade uma Província pode desenvolver sem pôr em perigo a característica franciscana essencial da minoridade?

- A minoridade dá à obediência um especial caráter franciscano.
- É necessária uma reflexão sobre carismas pessoais à luz da auto-realização e do valor franciscano da minoridade. O VI CPO nos deu uma base para esta reflexão destacando “a graça de trabalhar” (cf. *Rb* 5,1).
- A colaboração entre os frades e as fraternidades deve ter uma base espiritual e teológica; não pode ser aceita somente como instrumento sociológico. Por este motivo devemos indagar sobre as relações entre minoridade e colaboração nos compromissos.
- É importante uma reflexão sobre a minoridade para considerar as nossas relações com as outras igrejas cristãs e com as outras religiões no mundo. A minoridade pode dar a chave para uma abordagem tipicamente franciscana aos movimentos fundamentalistas que existem no mundo?

ANIMAÇÃO ESTRUTURAS E INICIATIVAS

Estruturas

7.1. Para fazer da nossa Ordem, das suas Províncias e das fraternidades locais *a casa e a escola da comunhão*, que se tornará fonte de comunhão para o mundo, se requer um compromisso de animação coordenado e coerente. A Ordem tem muitas estruturas que podem ser de grande ajuda neste sentido.

7.2. Respondendo ao desejo quase unânime do Capítulo geral 2000, foi reconstituído o **Departamento Geral da Formação**. Quatro frades, provenientes de várias regiões culturais da Ordem, foram integrados na fraternidade de Frascati para oferecer um serviço a tempo integral a este Departamento, com sede no próprio convento de Frascati, já completamente reestruturado e renovado como centro da formação permanente da Ordem. O estudo dos programas do pós-noviciado na Ordem é o ponto central das primeiras iniciativas do Departamento. Durante o sexênio será organizado um encontro internacional sobre o pós-noviciado. Ao mesmo tempo o Departamento estará à disposição para os serviços de animação do nosso carisma fraterno e evangélico.

7.3. As discussões do Capítulo recomendaram a dar maior consistência ao **Serviço Internacional da Justiça, Paz e respeito ao Criado**. Este Departamento está se organizando. Foi nomeado um diretor com tempo integral. O Capítulo geral acolheu de maneira especial o documento do grupo africano com o título “O grito do pobre”, (cf. *AOFMCap* 116 [2000] 831), onde foram indicados três fatores principais que oprimem os pobres da África: a violência, a enorme dívida externa e a AIDS. Estes males efetivamente oprimem os pobres em muitas regiões do mundo.

Ao centro de tanta violência no mundo existem também tensões e lutas étnicas; e em diversas regiões a nossa Ordem é atingida por tensões sociais fundadas nas diferenças étnicas. A renovação das nossas antigas Províncias na Europa ocidental provavelmente necessitará da colaboração das Províncias e dos frades do Leste Europeu, da Ásia, da África e da América Latina. Tudo isto necessariamente favorecerá à fraternidade multiétnica, que dará ocasião de

recíproco enriquecimento e integração. Por estas razões, o Definitório geral pediu ao Serviço de Justiça, Paz e respeito ao criado para organizar um encontro internacional sobre as relações étnicas à luz do Evangelho e dos valores franciscanos. Sugerimos que o encontro seja na África. Cremos que o mesmo ajudará a Ordem a compreender e a responder às conseqüências das diversidades étnicas dentro das nossas fraternidades e entre as pessoas que nós servimos.

7.4. Por mais de vinte e cinco anos o Instituto Franciscano de Espiritualidade tem ajudado a Família Franciscana na pesquisa e no estudo do nosso carisma. O Definitório geral quer dialogar com o Instituto, a Universidade “Antoniano” e o Ministro e Definitório geral dos Frades Menores visando possibilitar ao Instituto a melhor capacitação dos formadores da nossa Ordem e para servir como centro de pesquisa e de reflexão sobre o modo de viver o carisma franciscano no mundo atual.

7.5. No Capítulo geral 2000 chegou-se o consenso quanto à reestruturação do nosso **Colégio Internacional** “São Lourenço de Brindes”. Os trabalhos iniciaram em março/02. Estão sendo estudados planos para nossa casa de Jerusalém com o fim de adequá-la à formação permanente.

CONSTITUIÇÕES

8. O Capítulo geral de 2000 pediu que se instituísse uma Comissão com a tarefa, prevista pelo Código de Direito Canônico (cf. cân. 587), de preparar um projeto de legislação onde as normas fundamentais aprovadas pela Santa Sé e contidas em nossas Constituições sejam distintas das normas menores aprovadas pela autoridade do Capítulo geral e contidas num código secundário ou “Ordenações”.

Um grupo de trabalho, constituído por canonistas, já preparou um esboço de propostas que distinguem e separam aquilo que mais propriamente deveria estar contido em nossas Constituições daquilo que mais propriamente deveria estar contido num código secundário. As propostas do grupo de trabalho foram repassadas a diversos frades das diferentes áreas culturais da Ordem, para serem estudadas. São os peritos em várias disciplinas complementares como teologia, estudos bíblicos e espiritualidade que avaliarão as implicações das propostas. Chegadas estas avaliações, o Definitório decidirá sobre as medidas e os procedimentos a serem tomados em vista do próximo Capítulo geral. A tarefa esperada é delicada e exigente pois requer grande atenção e amplo diálogo na Ordem.

CONSELHO PLENÁRIO

9. O VI Conselho Plenário da Ordem declarou insistentemente:

Jesus, o Verbo de Deus, que se despojou, (*kenosis*), assumindo a forma de escravo e tornando-se igual ao ser humano é o “**Fundamento e modelo da nossa pobreza evangélica**. Aparecendo como qualquer homem, humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte – e morte de Cruz! (*Fil 2,7*)” (VI CPO, *Propositio 1*). Tanto a pobreza quanto a minoridade são fundadas na *kenosis*. Acolhendo o consenso do Capítulo geral 2000, o Definitório geral crê que a ação do VI CPO se completará somente se fizermos uma reflexão mais orgânica sobre a minoridade. Por este movido o mesmo Definitório intenciona convocar o VII Conselho Plenário da Ordem para estudar a *minoridade e itinerância à luz da teologia da comunhão*. Um Conselho Plenário constitui uma ocasião apropriada para a Ordem refletir como a teologia da comunhão da Igreja contribui para a nossa compreensão da minoridade. E nos permitirá também que nos perguntemos como nossa tradição franciscana pode enriquecer a compreensão da Igreja quanto à comunhão.

OUTRAS INICIATIVAS

10.1. O Definitório geral quer desenvolver um plano de ação para atender as Províncias da Ordem que há muito tempo estão com falta de vocações. Para este fim o Definitório geral publicou um “Documento de reflexão” sobre a partilha de pessoal entre as circunscrições e está pronto a colaborar com qualquer Província da Ordem que deve encarar uma semelhante crise, oferecendo toda a ajuda institucional necessária para preservar, consolidar e revitalizar o nosso carisma. Igualmente o Definitório geral aprova e encoraja iniciativas para a unificação de Províncias já existentes.

10.2. Seguindo uma proposta do Capítulo geral 2000 (cf. *Relatório do Ministro geral ao Capítulo*, 18.4), em janeiro de cada ano se realizará um encontro com os Provinciais, Vice-provinciais e Superiores regulares recém eleitos. Um encontro assim já aconteceu em janeiro/02. Estes encontros anuais oferecem aos novos Ministros assistência neste importante exercício. O Capítulo geral cria uma visão comum dos Ministros de toda a Ordem. Os encontros anuais ajudarão os novos Ministros a assumirem esta visão.

10.3. Algumas Conferências promovem encontros especiais para ajudar os guardiães no seu importante ministério de animação. O Definitório geral solicitará ao Departamento Geral da Formação para apoiar as iniciativas, recolhendo informações das Conferências sobre estes encontros, compilando uma lista de pessoas especializadas (“resource persons”) e, se for pedido, organizando também semelhantes encontros para as Conferências que não possam fazê-los por si mesmas.

10.4. Uma Província é uma rede de fraternidades e cada uma deve “refletir a luz de Cristo... (e) fazer resplandecer o seu rosto” (*NMI*, 16). É urgente que a nossa animação incida na fé e oração dos frades e na oração litúrgica de cada fraternidade. As Constituições indicam um caminho para esta animação: “Para renovar continuamente nossa vida religiosa, todos os frades façam cada ano um retiro espiritual, e também haja outros espaços periódicos de recolhimento” (*Const* 55,1). Sugerimos que os Ministros provinciais e seus Definitórios reflitam sobre como os retiros espirituais possam dar impulso à vida de fé dos frades. Talvez poderiam ser organizados grupos que ajudem nos retiros na Conferência. Da mesma forma uma maior fidelidade aos retiros organizados nas

fraternidades locais ou regionalmente nas Províncias pode renovar a oração pessoal dos frades e a liturgia das fraternidades.

10.5. *“A visita pastoral dos superiores maiores, prescrita pela Regra e pelo direito comum, concorre muito para a animação da nossa vida e para a união dos frades” (Const 161,1).*

As visitas pastorais dos Ministros provinciais podem contribuir muito no impulso da espiritualidade da fraternidade no mundo. O Definitório geral, por sua vez, procurará executar as indicações das Constituições:

“O ministro geral visite todos os frades no tempo do seu governo, por si mesmo ou por outros, principalmente pelos definidores gerais” (Const 161,2).

Os Definidores gerais organizarão as visitas pastorais nas suas áreas. O Ministro geral participará destas visitas toda vez que for possível.

CONCLUSÃO

11. *“Queríamos ver Jesus (Jo 12,21). Este pedido, feito ao apóstolo Filipe por alguns gregos que tinham ido à peregrinação em Jerusalém por ocasião da Páscoa, ecoou espiritualmente também aos nossos ouvidos ao longo deste ano jubilar... Os homens do nosso tempo, talvez sem se darem conta, pedem aos crentes de hoje não só que lhes ‘falem’ de Cristo, mas também que de certa forma lhe façam ‘vê-Lo’ (NMI, 16).*

Na medida em que soubermos tornar as nossas fraternidades autênticas *casas e escolas de comunhão* abertas à partilha e à solidariedade, capazes de fazer resplandecer o rosto de Cristo, ofereceremos uma resposta adequada ao maior desejo do coração humano.

“A Igreja espera muito do testemunho de comunidades ricas “de alegria e de Espírito Santo” (At 13,52). Ela deseja oferecer ao mundo o exemplo de comunidades onde a recíproca atenção ajuda a superar a solidão e a comunicação impele a todos se sentirem co-responsáveis, o perdão cicatriza as feridas, reforçando em cada um o propósito da comunhão. Numa comunidade deste tipo, a natureza do carisma dirige as energias, sustenta a fidelidade e orienta o trabalho apostólico de todos para a única missão. Para apresentar à humanidade de hoje o seu verdadeiro rosto, a Igreja tem urgente necessidade de tais comunidades fraternas, cuja existência já constitui de per si uma contribuição para a nova evangelização, porque mostra de modo concreto os frutos do “mandamento novo”(VC, 45).

Queridos Irmãos, preparei estas reflexões juntamente com o Definitório geral. Com o apoio e em nome do mesmo Definitório agora confio a vocês o fruto do nosso trabalho comum, convidando-os calorosamente a torná-lo objeto de atenta consideração pessoal e comunitária nos capítulos locais e provinciais, nas assembleias e nos outros encontros fraternos. Especialmente os Superiores maiores e os Guardiães empenhem-se em promover e sustentar a reflexão dos confrades a vocês confiados, a fim de que cada Fraternidade nossa, inserida no Mistério da Igreja, com típica atuação do mesmo Mistério, torne-se efetivamente *a escola e a casa da comunhão.*

Que a luz do Ressuscitado transfigure a existência de vocês e os torne testemunhos do seu amor.

Fraternalmente,

Fr. John Corriveau
Ministro geral OFMCap.

Fr. Gandolf Wild
Secretário generale OFMCap.

Roma, 31 de março de 2002,
Páscoa da Ressurreição

Sommario

INTRODUÇÃO.....	6
A FRATERNIDADE EVANGÉLICA À LUZ DA <i>NOVO MILLENNIO INEUNTE</i>	8
A FRATERNIDADE EVANGÉLICA NUM MONDO EM MUDANÇA.....	11
A FRATERNIDADE NUM MUNDO MULTIÉTNICO	12
A FRATERNIDADE EVANGÉLICA NA ECONOMIA GLOBAL.....	14
A FRATERNIDADE EVANGÉLICA NUM AMBIENTE SOCIAL DE AUTO- REALIZAÇÃO	17
ANIMAÇÃO ESTRUTURAS E INICIATIVAS.....	19
CONSTITUIÇÕES	21
CONSELHO PLENÁRIO	22
OUTRAS INICIATIVAS.....	23
CONCLUSÃO.....	25

